

Resenha de: Chamayou, Grégoire. 2015. *Teoria do Drone*. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.

Rev. Bra. Est. Def. v. 3, n° 1, jan./jun. 2016, p. 227-230
ISSN 2358-3932

ALCIDES EDUARDO DOS REIS PERÓN

CHAMAYOU E A URGÊNCIA DA TEORIA CRÍTICA DOS ARMAMENTOS

Nos últimos anos assistimos a um sem número de informações envolvendo diversas possibilidades de emprego de drones, conformando um imaginário absolutamente positivo dessa tecnologia para a sociedade. No entanto, o seu emprego em atividades “brandas”, como filmagens cinematográficas, atividades científicas, inclusive em práticas de saúde pública, mascaram a relação de forças, e os reais interesses que pautaram o processo de desenvolvimento dos drones.

Os drones, como o *Predator* e o *Reaper*, são atualmente empregados em atividades militares e de inteligência, como as missões de Assassinatos Extrajudiciais no Paquistão, Iêmen, Somália e Síria. O seu emprego nessas missões subsidia e busca legitimação por um discurso de “guerra cirúrgica”, uma vez que as características técnicas desse dispositivo, e a natureza das operações, supostamente permitiriam a eliminação pontual e precisa de insurgentes, sem, contudo, produzir amplos efeitos colaterais, como em uma mobilização de tropas e bombardeiros.

Segundo a Plataforma *Out of Sight, Out of Mind* (2014), desde 2004 (quando se inicia o uso de drones armados pelos EUA), mais de 370 ataques foram realizados, provocando mais de 3.000 vítimas. Dentre estas, mais de 22% seriam civis e crianças, e quase 80% seriam supostamente militantes, e não é clara a definição de militantes e civis. Desse total, apenas 52 pessoas seriam líderes militantes identificados pela CIA e pelo governo americano enquanto alvos prioritários. Diversas pesquisas desenvolvidas, tanto por instituições norte-americanas como paquistanesas, revelam que os ataques de drones têm contribuído para um forte sentimento antiamericanista na região, inclusive para a formação de mais “insurgentes”.

Observando esse contexto, mas também consciente de toda uma trajetória política, social e epistêmica que embasa e fundamenta o desenvol-

vimento das tecnologias e dispositivos militares, é que o filósofo e pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique*, Grégoire Chamayou, desenvolve a sua teoria sobre os drones, ao mesmo tempo em que advoga em favor de uma “teoria crítica” dos armamentos. O autor considera que uma teoria crítica dos armamentos seria fundamental, tanto para explicitar os interesses e esforços ocultos durante o desenvolvimento de determinadas tecnologias, quanto, fundamentalmente, para compreender o modo como essas tecnologias impactam sobre a guerra e a sociedade.

Esse seria o ponto central de uma obra que pretende, de maneira tão diversa e complexa, submeter os drones a um trabalho de investigação filosófica: descrever como a natureza da guerra, e de diversas categorias de análise que os permeiam, são profundamente tumultuadas pela adoção dessa nova tecnologia. Através de uma genealogia dos drones, o autor levanta diversas hipóteses que permitem compreendê-lo enquanto um dispositivo “necroético” – cujo principal objetivo do seu emprego não seria a condução de um conflito, mas simplesmente produzir mortes supostamente éticas, ou “humanas”.

Dentre os tumultos teóricos causados pela introdução dos drones nos conflitos contemporâneos, Chamayou destaca a forma como são aniquiladas as noções de zona ou lugar, dado que um conflito passa a ocorrer simultaneamente em mais de cinco fusos horários diferentes e, principalmente, não há mais um lugar específico aonde os ataques podem ocorrer. Imediatamente as categorias geográficas tornam-se inúteis para compreender, discutir e definir esse fenômeno. Um outro tumulto se produz no que diz respeito às categorias éticas, aonde a virtude e a bravura tornam-se inúteis e pouco efetivas para se categorizar a atividade dos operadores de drones – esses não mais estariam moralmente conectados ao conflito, o qual, em verdade, mais se assemelharia a uma atividade burocrática. Por fim, as noções de guerra ou de conflito seriam profundamente abaladas com o emprego de drones, uma vez que as práticas de Assassinatos Extrajudiciais com Drones, ainda que sejam justificadas enquanto atos de guerra, dificilmente podem ser compreendidos dessa forma, principalmente por violar inúmeros princípios do Direito Humanitário Internacional.

Desse modo, os drones promoveriam campanhas que, diferentemente de guerras formais, teriam como único objetivo vigiar e aniquilar alvos considerados suspeitos. De acordo com Chamayou, isso ocorre uma vez em que há a total ruptura de qualquer forma de reciprocidade entre operador e alvo ou “campo de batalha”, da estratégia com os seus resultados, da sociedade com o horror do conflito. A consequência imediata dessa “ruptura” seria a redução do conflito, e toda a sua dimensão de disputa – que é o que Clausewitz (2010) caracteriza como a essência da guerra – a uma

dialética de presa e predador. Assim, os Assassinatos Extrajudiciais seriam menos um conflito em que se prevê alguma forma de disputa entre partes distintas, e mais uma relação em que uma parte, onipotente e onipresente, caça, persegue e aniquila, enquanto a outra parte apenas pode fugir e se esconder. Como o autor aponta, essa particularidade permitida pelos drones estava em plena consonância com a política de segurança internacional pós 11 de setembro:

Desde os primeiros dias que se seguiram ao 11 de setembro, George W. Bush prevenira: os Estados Unidos iam se lançar em um novo tipo de guerra, “uma guerra que requer de nossa parte uma caça ao homem internacional”. O que a princípio soava simplesmente como um slogan pitoresco de caubói texano foi depois convertido em doutrina de Estado, com especialistas, planos e armas. Em uma década constituiu-se uma forma não convencional de violência de Estado que combina as características díspares da guerra e da operação de polícia, sem realmente corresponder nem a uma nem à outra, e que encontra sua unidade conceitual e prática na noção de caça ao homem militarizada (Chamayou 2015, 41).

Com essa perspectiva, Chamayou se concentra no caráter ontológico do ato de matar a distância, focando na construção social desse instrumento, mas principalmente na apatia dos operadores e ineficiência desse processo. De acordo com o autor, esse efeito os força tornarem-se meros “autômatos”, principalmente porque o *status* ontológico dessa prática não é o combate, colocando o seu corpo em aventura de morte – o que comunica com o debate de Frédéric Gros (2009) – mas sim a caçar e matar, e voltar a sua vida cotidiana. Como registra a insígnia dos operadores do *Reaper*, demonstrando a completa eliminação e uma relação moral à atividade: “Que morram os Outros”.

Desse modo, entendendo a complexidade da relação entre novas tecnologias e guerra, Chamayou une-se a autores como Paul Virilio, James Der Derian e Frédéric Gros, ao demandarem maior atenção sobre o modo como as novas tecnologias de informação e comunicação têm fundamentado a barbárie nos conflitos contemporâneos. De acordo com o autor, a única forma para se derrubar o “mecanismo da luta militar” seria a partir de uma teoria crítica dos armamentos, que através de uma análise tanto técnica quanto política, permita revelar os padrões ocultos de poder e autoridade nessa tecnologia, bem como o seu impacto social. Uma teoria crítica dos armamentos nos permitiria compreender de que forma os meios constroem os modos de ação (em outras palavras, constroem a própria política de segurança), e provocam efeitos muito específicos sobre os usuários, so-

bre aqueles alvejados por essas armas, e sobre aqueles que decidem politicamente pelo seu uso. De acordo com o autor: “A ideia seria que os meios são constrangedores, e que a cada tipo de meio são associados a uma sorte de restrições específicas [...] Ao invés de indagar se o fim justificaria os meios, torna-se mais importante indagar o que a escolha desses meios, por si só, tende a impor” (2015, 24).

REFERÊNCIAS

- Chamayou, Gregoire. 2015. *Teoria do Drone*. São Paulo: Cosac Naify.
- Clausewitz, Claus von. 2010. *Da guerra*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Der Derian, James. 2009. *Virtuous War: Mapping the Military-Industrial Media Entertainment Network*. 2. ed. Nova Iorque: Routledge.
- Gros, Frédéric. 2009. *Estados de Violência: Ensaio sobre o fim da guerra*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Out of Sight, Out of Mind. 2014. *Attacks*. Plataforma Digital. Disponível em: <http://drones.pitchinteractive.com>. Acesso em: 16 maio 2014.
- Virilio, Paul. 2012. *The administration of fear*. Los Angeles: Semiotext(e).
- Palavras-chave: Drones; Conflitos Contemporâneos; Teoria Crítica.